

A MÍDIA E O JOVEM DA BAIXADA FLUMINENSE.

MACHADO, Renata¹; DUPRET, Leila².

- 1. Bolsista de Iniciação Científica – FAPERJ, Aluna do Curso de Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ; 2. Professora Adjunta do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ.**

GT 1 - História do Jornalismo

Coordenadora: Ana Paula Goulart Ribeiro (UFRJ) / Marco Antônio da Silva Roxo / e-mail: apgoulart@terra.com.br ou marcoroxo@urbi.com.br

Resumo

Há na Baixada Fluminense, uma demasiada exploração da violência e da pobreza pelos veículos de comunicação, justificando assim as palavras do autor José Alves (2003) a respeito da segregação desta região, historicamente legitimada pela mídia. Este trabalho pretende revelar as imagens reconhecidas pelos jovens da Baixada Fluminense como suas representações pessoais, levando em conta o contexto em que estão inseridos; apresentar possíveis alternativas deles frente aos desafios encontrados no município de Nova Iguaçu; divulgar demandas reconhecidas por eles, sobre a exploração da mídia à Baixada Fluminense e seus sentimentos acerca desta temática.

Diante disto, pretendemos fazer o trajeto oposto da mídia. Ou seja, revelar o não dito por quem agora tem oportunidade de dizer. No intuito de fornecer subsídios para a construção de informações mais próximas da realidade expressa pelos jovens, confrontando a imagem do que é e do que não é revelado, deixando de lado o fato noticioso e investigando o fenômeno de maior significação.

Palavras-Chave: Mídia, Jovem e Violência.

I. Introdução

O projeto de pesquisa *A Mídia e o Jovem da Baixada Fluminense* aprovado em Dezembro de 2007 pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ apresenta-se em fase inicial de investigação. O nosso objetivo principal é revelar as imagens dos jovens reconhecidas como suas representações pessoais, levando em conta o contexto em que estão inseridos, denunciando a imagem negativa que fortalece a segregação do jovem da Baixada Fluminense explorada pela mídia.

A técnica de construção de *unidades de sentido* de Rey (1997) que será utilizada para a operacionalização da pesquisa, nos permitirá realizar uma análise de conteúdo a partir das representações pessoais dos entrevistados, que integram um conjunto diverso de indicadores revelados no decorrer da própria investigação. Estes indicadores são então os constituintes de significação mais elementares que pertencem ao processo de produção da informação. Os jovens a serem entrevistados são alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, dos turnos da manhã e da tarde da *Escola Municipal Monteiro Lobato* situada no município de Nova Iguaçu. A questão deflagradora das entrevistas abertas é a seguinte: *Na sua opinião, o que tem sido divulgado pelos meios de comunicação sobre o jovem da Baixada Fluminense e o que você pensa que deveria ser divulgado?* Vale ressaltar que na Baixada Fluminense encontram-se bairros de comunidades populares, onde estão principalmente jovens negros e pobres, filhos de trabalhadores que têm sido excluídos e discriminados, constantemente, de forma injusta e desumana. Assim, este é um lugar onde a criação de estereótipos e preconceitos estão presentes em todos os espaços.

“Longe de ser apenas mudanças operadas na esfera macropolítico-socioeconômico, as questões como a massificação da cultura e a reprodutibilidade da arte atravessam a subjetividade contemporânea. Esta “cultura da imagem” administra não apenas o espaço social, mas, sobretudo o espaço subjetivo, haja vista sua indissociabilidade. Ela é capilar, atuando no plano sensível, incidindo na forma como o sujeito se posiciona no mundo e se relaciona com ele mesmo”. (Miranda, 2000, p.12)

Na Baixada Fluminense, há uma demasiada exploração da violência e da pobreza pelos veículos de comunicação, que por diversas vezes, focaliza através dos seus discursos e imagens apenas os aspectos negativos, o que tende a fortalecer a presença de segregação da Baixada, historicamente legitimada pela mídia.

“As revelações produzidas pelas investigações farão com que a imprensa funcione ao mesmo tempo como elemento de segregação da Baixada, identificando-a como outra sociedade, terra sem lei, lugar onde a feiúra se associa ao crime ou câncer vizinho, e como instrumento de pressão no aprofundamento das investigações promovidas pela Delegacia de Homicídios. Uma ambigüidade que se estabelece entre a solidariedade e a rejeição”. (Alves, 2003, p. 154)

Esta região é marcada historicamente pela disputa acirrada de poder, desde o período dos senhores de engenho e agrários, até a “guerra” de adesão de mais poder político público local. Aos poucos, foram deixados de lado os jagunços do coronel e passou-se a ter os grupos de extermínio. Então, a partir destes episódios vai se construindo e sendo fortalecida uma imagem deturpada da Baixada, perpetuada por

décadas, de que é um local de alta periculosidade. Assim, várias características negativas das mais depreciativas foram sendo vinculadas a esta região.

Cabe ressaltar que a Baixada Fluminense, além de ser reconhecida como um dos lugares mais violentos, também apresenta seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) abaixo da média geral do Estado do Rio de Janeiro. Deste modo, para especialistas, esses números, aliados aos índices de criminalidade, revelam anos de políticas equivocadas tanto na área social, quanto no combate à violência.

No entanto, de acordo com Muniz (2002), poderíamos também ater-nos a uma tese oposta, onde a crise econômica, desemprego e pobreza deixam de ser fatores determinantes de violência, visto que em um período de grande recessão, entre 1980 e 1982, a criminalidade violenta efetivamente diminuiu no Rio de Janeiro. Outro fator a ser levado em consideração consiste na evidência de que capitais mais pobres do país como (Maceió, Teresina, João Pessoa, por exemplo) não se caracterizam por grande violência urbana.

Além disso, um dado importante a ser revelado é que até o final da década passada, os números de violência no Rio de Janeiro deviam-se basicamente a uma região de 1,294 km quadrados e 2.654.000 habitantes, a Baixada Fluminense, considerada o maior bolsão de miséria do país. Mas, a partir dos anos 80, a violência disseminou-se por todo o território do Rio, ou melhor, a mídia passou a divulgar tais notícias de forma mais efetiva e ostensiva; enfim, esta problemática tornou-se preocupação prioritária nos discursos dos governos, o que não significa que seja comprovada em suas ações de fato.

Ademais, o fato de o sujeito ser pobre e morar em favela, por exemplo, aumenta consideravelmente as probabilidades de ser colocado socialmente à margem, isto é, se o pobre roubar é imediatamente considerado bandido; no entanto quando os ricos roubam, o crime é considerado como um desvio de conduta ou ato de corrupção, eles não são classificados como criminosos.

Um dado importante a ser ressaltado é que a mídia através do seu poder de persuasão e credibilidade, paulatinamente vai abrindo pequenos espaços ou divulgando com mais regularidade, o que outrora, ou era proibido, ou não fazia parte da política vigente, e, portanto dificilmente seria pauta ou matéria de algum jornal, revista ou divulgado pela televisão. Um exemplo disto é a própria inserção

do negro na mídia, salientando inclusive os temas relacionados à religião de matriz afro-brasileira, em que é visível o preconceito e a discriminação.

De acordo com Jeudy (1994), no processo mediático, em seu conjunto, há uma vertigem de imagens que se transformam em “*imagens acontecimentos*”, não funcionando mais como um “*espelho da sociedade*”. Desta forma, na mídia a imagem não é representação e nem realidade, a imagem representa apenas a si mesma, não devendo ser entendida como algo generalizável. Nesta perspectiva, existe uma considerável distância entre a representação e a realidade, entretanto o processo de construção de notícias homogeneiza o conteúdo, padroniza o público, cria estereótipos e forma mitos.

Por conseguinte, vivemos em um mundo intensivamente midiático, o que metaforicamente pode-se chamar a “idade da mídia” ou “sociedade do espetáculo”. No entanto deve-se ter certa criticidade frente às informações vinculadas pela mídia, pois que ela exerce um modo persuasivo de transmitir conteúdos que visa fazer com que as pessoas acreditem e se mantenham presas às ideologias que são disseminadas de forma subliminar. Assim, instaura-se um senso comum acerca da Baixada, sendo este uma forma de violência indireta (latente).

É verdade que muitos moradores da Baixada Fluminense já se habituaram a enxergar o local com essa perspectiva violenta e trágica que a imprensa veicula; porém, tais “empresas capitalistas de comunicação” comercializam a notícia em prol de seus consideráveis lucros e em detrimento de outros importantes fatores, como por exemplo, o aumento significativo da exclusão social e da discriminação.

Vale ressaltar que a dura realidade não pode deixar de ser transmitidas, pelo contrário deve-se mostrar como que este povo consegue sobreviver com tão pouco, em ambientes adversos à condição humana, mantendo sua dignidade. Então, porque salientar apenas os aspectos negativos? Afinal, a Baixada Fluminense tem que ser visivelmente reconhecida pelas suas possibilidades produtivas e criativas, para que os jovens possam se reconhecer e se perceber na mídia, bonitos, interessantes, atuantes e cheios de características importantes para revelar e com os outros.

Que exista de fato a democratização da informação, pois os habitantes estão fartos de serem rotulados, marginalizados e de sofrerem diversas humilhações socioeconômicas, apenas pelo fato de residirem em um local afastado do centro da cidade do Rio de Janeiro, e por essa razão muitas vezes são considerados como moradores da dita “roça urbana”. Por extensão, a imagem do jovem da Baixada aparece classificada como irresponsável, delinqüente, inconstante, alienado, violento, à margem do comportamento social estabelecido como padrão, obedecendo ao estereótipo construído pelos meios de comunicação.

II. Material e Métodos

A metodologia da pesquisa de cunho qualitativo está fundamentada na perspectiva de Vygotsky (1996) no que se refere à base teórica de nossa abordagem, a qual se sustenta em três princípios fundamentais: analisar processo e não objeto, isto é, ter como tarefa o reconhecimento da dinâmica dos constituintes da história do que está sendo investigado; diferenciar explicação de descrição, ou seja, desvelar a dinâmica-causal não se detendo apenas nas aparências mais comuns e nas relações lineares de causa-efeito; desprender-se do “*comportamento fossilizado*”, isto é, da manifestação de comportamento automatizado que por sua origem remota e suas inúmeras repetições, tornou-se mecanizado. A técnica a ser utilizada para a operacionalização da pesquisa é a da construção de “*unidades de sentido*”, sugerida por Rey (1997), o qual permite realizar uma análise de conteúdo a partir de expressões dos sujeitos estudados, as quais integram um conjunto diverso de indicadores ou categorias.

Portanto, tais considerações advêm do entendimento do próprio jovem a partir da sua realidade. O efeito das práticas do cotidiano tem gerado situações objetivas a serem enfrentadas pelas próprias comunidades, de imediato, e a sociedade, levando-se em conta a construção de saberes pessoais, que se traduzem em subjetividades

diversas, as quais permitem identificar a presença do que é individual e coletivo coexistindo na constituição do sujeito, a partir de uma rede de interações.

Desta forma este trabalho pretende fazer o trajeto oposto da mídia. Ou seja, revelar o não dito por quem agora tem oportunidade de dizer. Neste sentido, oferecer ao jovem da Baixada Fluminense a chance de falar sobre si mesmo e também a respeito do que tem sido divulgado pelos meios de comunicação sobre o jovem da Baixada Fluminense e o que ele pensa ser relevante para divulgar, ressaltando a importância do seu olhar em relação ao contexto que está inserido, divulgar as demandas reconhecidas por eles sobre a exploração da mídia à Baixada Fluminense e seus sentimentos acerca desta temática em meios científicos apropriados, incluindo relatórios técnicos, artigos em periódicos e eventos acadêmicos. Os resultados da pesquisa também devem ser divulgados à comunidade local e a sociedade mais ampla, no intuito de fornecer subsídios para a construção de informações mais próximas da realidade expressa pelos jovens, confrontando a imagem do que é e do que não é revelado, deixando de lado o fato noticioso e investigando o fenômeno de maior significação.

Referências Bibliográficas

ALVES, J.C.S. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: APPH, CLIO, 2003.

BIAR, R.P. *A criminalização da pobreza*. Rio de Janeiro; RJ, 2007. Disponível em: <http://www.redecontraviolencia.org/Artigos/233.html> Acesso em: Novembro de 2007.

ENNE, A.L.S. *Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações*. N.14. Niterói, RJ: Revista eletrônica Ciberlegenda, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/enne1.html> Acesso em: Setembro de 2006.

GONÇALVES, M. G. M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (Org.). *Adolescências construídas a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2005.

HOMERO, V. *A Influência positiva da mídia sobre a formação de jovens*. Rio de Janeiro, RJ: Boletim Interno FAPERJ, 2007.

Disponível em: http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=3866

Acesso em: Março de 2008.

JEUDY, H. P. Pesquisador dos processos mediáticos. FAPERJ. (Org). *Seminário Mídia e Violência Urbana*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.

MIRANDA, L. L. Protagonismo juvenil: fragmentos de um olhar. FILÉ, V. (org). *Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MUNIZ, S. *Sociedade, mídia e violência*. Porto Alegre: Sulina – Edipucrs, 2002.

REY, F. G. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.